

■ POR DENTRO DA SANTA CASA

Sem parar nem mesmo após o incêndio do dia 27, hospital pulsa em ritmo de cidade para salvar vidas e sustentar vaivém diário que supera a população de 598 municípios de Minas

'Metrópole' da saúde



Nos corredores da instituição, profissionais de saúde ou de apoio cruzam com pacientes em constante movimento



Personalidades da medicina ou benfeitores batizam os setores, como a unidade que leva o nome do oncologista Eduardo Nascimento



Médico em ação no Centro Cirúrgico, onde leitos de CTI foram abertos depois do incêndio



Vista aérea da Santa Casa (D), para onde convergem 15 mil pessoas diariamente em tratamento, a trabalho ou de visita

MATEUS PARREIRAS

Comprimidas em corredores, multidões aceleradas lembram o ritmo dos passeios de uma capital. Já o silêncio de áreas de tratamento a paz do interior. Com mais de 15 mil pessoas circulando por dia, a Santa Casa BH pulsa como uma cidade ambulante, chegando a ser mais populosa do que 598 municípios mineiros, cerca de 70% das cidades de Minas Gerais (confira o quadro). Um lugar onde se busca alívio para a dor, mas que teve seu ritmo brutalmente quebrado na noite de 27 de junho, segunda-feira passada, com um incêndio que deixou dois mortos no processo de evacuação de 931 pacientes. O 10º andar, onde funcionava um dos Centros de Tratamento Intensivo (CTI), foi interditado pela Defesa Civil, sem um prognóstico de retorno ao funcionamento pleno. Ainda assim, os doentes não param de chegar de todo o estado. Exigem que a "cidade" siga sua rotina intensa, como mostra a reportagem do Estado de Minas.

Por todas as vias da Região Hospitalar de Belo Horizonte, o fluxo de origem e destino referente à Santa Casa, maior hospital 100% SUS de Minas Gerais, é sentido. A pé, por transporte público, carro ou ambulância chegam médicos, pacientes, enfermeiros, funcionários, acompanhantes e fornecedores. Concentrando apenas na rotina do edifício da Santa Casa BH, na Avenida Francisco Sales, número 1.111, já se percebe esse movimento incessante de pessoas, pacientes, profissionais e ambulâncias convergindo para lá ou de lá saindo. Sem falar dos ambulantes que oferecem a essa multidão cachorros-

quente, sanduíches, salgadinhos, bolus, artesanato, máscaras, meias, toucas, camisas e até panos de prato.

Essa pressa se funde ao ruído da cidade, ao apito dos veículos pesados em manobras até a recepção, onde pessoas iniciam atendimentos ou aguardam notícias. Dessa linha em diante, o complexo se abre em corredores labirínticos que permeiam como avenidas as várias alas dos 13 andares, enfermarias, 1.126 leitos neste momento, sendo 165 de CTI. Esse fluxo é mais restrito a médicos em seus jalecos, enfermeiros paramentados de azul-claro, pacientes com exames nas mãos – geralmente em lento caminhar ou mesmo em cadeiras de rodas – e seus acompanhantes.

Os setores de cada ala como ruas, recebem nomes que são homenagens a gente importante, no caso, médicos e benfeitores de destaque para o hospital. Assim, o destino pode ser o Centro Cirúrgico Dr. Atoas Alves de Souza, a Unidade de Oncologia Pediátrica Dr. Eduardo Nascimento, o Centro de Tratamento Intensivo Pós-Operatório Pediátrico Dona Lucinha ou a Unidade de Tratamento Intensivo Cybele Pinto Coelho, entre outros.

Um dos setores mais restritos é o Centro Cirúrgico e também um dos que mais precisou se adaptar após o incêndio, uma vez que absorve parte dos pacientes dos 50 leitos clínicos de CTI do 10º andar, que está interditado, ocupando parte das vagas destinadas ao tratamento intensivo pós-cirúrgico. Nada que esse centro não tenha vivido antes, já que no ápice da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), com a Santa Casa se tornando referência, o setor cedeu 20 leitos para os

casos de COVID-19.

"Mesmo passada a pior fase da pandemia, o Centro Cirúrgico foi muito comprometido por medo. Os pacientes não queriam vir e se internados ainda com medo da COVID-19. Estávamos normalizando o fluxo e teve essa tragédia. Mas, para não parar o nosso atendimento, estamos abrindo mais oito leitos cirúrgicos de CTI para os pacientes destinados ao nosso atendimento", disse a coordenadora do espaço, Caroline Xavier Figueiredo.

Esse é um dos locais mais movimentados e de silêncio, que só é quebrado pelo deslizar das rodinhas de macas, instrumentos, carrinhos de limpeza e pelo bipe dos equipamentos de monitoramento dos pacientes. Só se entra com camisa e calça esterilizada, sapato fechado, touca, máscara e em alguns procedimentos com coletor de chumbo contra raios-x. Durante o dia, trabalham seis enfermeiros e 88 técnicos de enfermagem em escalas que variam de 12 por 36 horas, 8 ou 6 horas. Em média, são 1.100 cirurgias por mês, em torno de 50 por dia.

Para o provedor da Santa Casa BH, que seria o "prefeito" dessa complexa cidade, Roberto Otto Augusto de Lima, sua função é exigente, mas também uma honra. "É muito desafiador, diante da complexidade e do tamanho da demanda que temos, cenário que é agravado pela inexistência de políticas e financiamento público adequados. Na Santa Casa BH, a missão só se torna possível em razão do engajamento e da competência de nossas equipes, que têm amor pelo que fazem, além do reconhecimento por parte da sociedade", disse.

CIDADE DENTRO DE BH

A estrutura da Santa Casa supera dimensões de muitos municípios de Minas Gerais

MAPA DO GRUPO

As seis unidades do Grupo Santa Casa em mais de 55 mil metros quadrados de BH

- 1 Funerária Santa Casa
- 2 Faculdade Santa Casa BH
- 3 Instituto Geriátrico Afonso Pena
- 4 Centro de Especialidades Médicas
- 5 Santa Casa de Misericórdia de BH
- 6 Hospital São Lucas



A INSTITUIÇÃO

- 15 mil pessoas circulam por dia. Número supera população de 598 municípios isoladamente, que representam 70% das cidades de MG
- 166 pessoas envolvidas na segurança (1 para cada grupo de 90 pessoas que circulam no hospital). Em MG, são 50 mil policiais* (1 para cada grupo de 426 habitantes)
- 560 brigadistas de incêndio (1 por 27 pessoas). Em MG, há 5.500 bombeiros* (1 por 3.800 habitantes)
- Hospital tem o 4º maior volume de internações do SUS no Brasil
- Maior hospital 100% SUS de MG, com 1.126 leitos
- Em 2021, foram 29 mil internações e 11 mil cirurgias
- Foram realizados mais de 1,7 milhão de exames e 139 mil consultas em 2021
- Referência em especialidades de alta complexidade em MG, como: oncologia, cardiologia, cuidados intensivos pediátricos, portos de alto risco, transplantes, neurocirurgia e neurologia
- Há dutos de água, esgoto, oxigênio, nitrogênio, gás ritozoso, ar medicinal, dióxido de carbono, hélio e acetileno
- Na cozinha, são preparadas 6.500 refeições por dia (3 milhões ao ano). Em um dia, por exemplo, podem sair 200kg de arroz, 100kg de feijão, 400kg de carne, 400kg de legumes, 500 litros de leite e 3 mil pães
- Para a limpeza, são usados 420 litros de desinfetante por mês
- 17.461 produtos de higiene pessoal a cada 30 dias
- O incêndio no 10º andar do prédio, em 27 de junho, foi a pior tragédia na instituição
- 2 pessoas morreram durante a evacuação do hospital
- Quase mil pacientes precisaram ser levados para o entrada do prédio durante o incidente
- A prevenção de incêndios conta com 333 extintores, 54 hidrantes e 108 mangueiras
- No incêndio, foram utilizados 45 extintores e 3 mangueiras
- Os primeiros a agir foram 13 brigadistas do 10º andar

A instituição tem dívida de R\$ 260 milhões

Orcamento de 2020 foi de R\$ 550 milhões

Deficit mensal do SUS é de R\$ 4 milhões

Investimento para os reparos do incêndio são de R\$ 5,4 milhões

* Referente ao ano de 2021. Fontes: Santa Casa BH, PMMG, PCMG, CBMMG, ABMG e IBGE

COMO AJUDAR

Doações podem ser feitas via: Banco Cooperativo do Brasil S.A.

Número: 756
 Agência: 4027-4
 Conta: 1.600.001-3
 Nome: Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte
 CNPJ: 17.205.891/0001-33
 Chave PIX: doacoes@santacasabh.org.br

■ POR DENTRO DA SANTA CASA

“Moramos um pouquinho aqui”, resume esposa de paciente operado no hospital, referência em Minas para transplante de vários órgãos e que oferece acompanhamento vitalício

‘Lar’ para a vida toda

Antônio Geraldo, recém-transplantado, e a esposa dele, Regina, já veem o hospital como uma segunda casa, com direitos a bom relacionamento com vizinhos. À direita, bala de oxigênio é vista em corredor da “cidade”, que exige forte infraestrutura

MATEUS PARREIRAS

“A gente tem os nossos vizinhos. Conversamos muito com o senhor João, enquanto estávamos no 10º andar, até que saímos de lá. Uma pessoa agradável, boa de papo. A gente até esquece que está aqui por causa da doença. Mas tem vez que tem de consolar. Você precisa ver como a Dora ficou triste quando perdeu o pai de 99 anos, depois que já tinha tido alta. Conversamos pelo WhatsApp. E a gente também dá força um para o outro. Conseguimos acalmar a dona Cleusa quando o marido ia precisar passar por um procedimento que a gente já tinha feito.”

O relato do recém-transplantado, que recebeu um fígado, o comerciante de Pará de Minas Antônio Geraldo da Costa, de 59 anos, e da mulher dele, a também comerciante Regina Lúcia de Faria Leandro, de 61, mostra que há um perfil de paciente que faz da Santa Casa BH quase que uma residência, pela frequência com que vão ao hospital para exames, tempo de internação, de recuperação e acompanhamento pelo resto da vida. A assiduidade que a delicada condição dos transplantados exige faz com que o setor se torne quase uma família, onde médicos, enfermeiros e pacientes se conhecem, muitas vezes pelos nomes.

“Ficamos perdidos na primeira vez que viemos aqui. É muito grande, parece uma minicidade. Custei para entender onde a gente tinha de ir e dei muita volta procurando os lugares. Mas está tudo na mão, sem pagar nada, tudo que você precisa, pode pedir de noite que chega. Moramos um pouquinho aqui, principalmente quando o Antônio operou. Eu morei de segunda a quarta e as nossas filhas pegaram de sexta a domingo”, conta Regina.

Antônio, que precisou de transplante depois de um câncer de fígado detectado após quadros de cirrose, hepatites e xistoses, disse que além dos amigos que fez, do médico de Divinópolis que conseguiu vaga na Santa Casa antes de saberem da necessidade de um transplante e da família que o acompanha, recebeu uma visita à qual credita a saúde recobrada. “Estou vivo por milagre. Quando estava na cama, para operar, o padre Libério sentou no pé da minha cama e me disse que eu ia melhorar. Que ia conseguir. Mais um milagre dele”, afirma, agradecido.

O Centro de Transplantes da Santa Casa é referência no estado para coração, rim, fígado e medula. “Nosso contato acompanha a vida do paciente. Desde os primeiros atendimentos no ambulatório, quando não sabe se terá de passar por transplante, no pré e pós-operatório e daí em diante um acompanhamento vitalício. A fila se dá por uma junção regulada na central de transplantes por gravidade e compatibilidade do órgão. Quando surge esse órgão temos enfermeiras prontas para ir buscar e outras para receber”, conta a coordenadora do transplante, Thais Alexandre.



FOTOS: EDESO FERREIRA/EM/D.A PRESS



Técnica de nutrição Ivanete dos Santos, no restaurante da instituição: pratos feitos de acordo com a dieta dos pacientes, sem esquecer o sabor

Toneladas de refeições na medida certa

Como toda “cidade”, a infraestrutura é imprescindível para o funcionamento da Santa Casa BH. E além da energia elétrica, das tubulações de água e esgoto, há também os dutos de oxigênio, nitrogênio, óxido nítrico, ar medicinal, dióxido de carbono, hélio e acetileno, por onde mensalmente passam 147.205,38 metros cúbicos (se líquido, seriam 150 milhões de litros ou 60 piscinas olímpicas). Mas o combustível mais necessário são as toneladas de refeições que servem mais de mil pacientes. Tudo é preparado como em linhas de montagens no Serviço de Nutrição e Dietética (SND). Da porta, o cheiro dos temperos convida a entrar pelo corredor quente, com nuvens de vapor onde painéis industriais cozinham o tempo todo. Afinal, são 8.500 refeições

diárias, 3 milhões por ano, entre desjejum, colação, almoço, café da tarde, jantar e ceia, atendendo a todo o grupo. “Os preparos dependem da dieta de cada paciente e a Santa Casa ainda abre opções no cardápio e cada um pode escolher se quer ovo, se não quer arroz, se prefere carne de porco ou de frango. Além do mais, temos um chef para tornar a comida ainda mais agradável”, conta a gerente do SND, Vanessa Cristina Andrade Ferreira. “Para a comida de um hospital ser saborosa, tem de ter um bom produto, de saber controlar os temperos para ter um sabor suave. Não pode ter nada demais, nem alho nem ervas. E o principal é o amor, principalmente quando a gente sabe que quem vai se servir é um paciente”, diz o chef Genezildo José de Jesus Nunes.



O chef Genezildo Nunes prepara prato na cozinha do hospital: “Não pode ter nada nada demais (...) O principal é o amor”

Fama e recursos para JF

Bruno Luis Barros
Especial para o EM

Graves problemas financeiros – em decorrência do endividamento e subfinanciamento do Sistema Único de Saúde (SUS) – são velhos conhecidos das Santas Casas e hospitais filantrópicos em todo o país. A dívida do setor ultrapassa R\$ 20 bilhões num cenário que se repete nas instituições do tipo sediadas em Minas Gerais, em constante busca de recursos. Sob os holofotes na corrida eleitoral de 2018 depois de o então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro ser esfaqueado e passar por cirurgia na instituição, a Santa Casa de Forquilha, na Zona da Mata mineira, atraiu R\$ 3.306.269,90 entre aquele ano e 2019.

No fim de 2018, eleitores de Bolsonaro arrecadaram R\$ 1.306.269,90 por meio de campanhas nas redes sociais e deslancharam a cifra milionária à instituição juiz-forana. O objetivo da ação seria agradecer o atendimento prestado a ele.

Na ocasião, o presidente da instituição hospitalar, Renato Villela Loures, disse que o montante seria destinado à criação de um novo Centro de Terapia Intensiva (CTI), com 10 leitos. Ainda em 2018, Bolsonaro tentou doar sobras de campanha à Santa Casa, mas esbarrrou em uma resolução do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que veda a destinação do recurso. Como alternativa – e valendo-se do cargo de deputado federal que ocupava –, ele apresentou uma emenda destinando R\$ 2 milhões para o hospital.

Em 2019, o governo federal liberou a emenda parlamentar, em 8 de outubro daquele ano, e os valores foram repassados à prefeitura. A reportagem tentou confirmar a destinação dos recursos, mas não obteve resposta do hospital.

A situação geral é de crise, afirma a Federação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos de MG (Federassantas): “Há anos, os hospitais filantrópicos vêm enfrentando problemas financeiros devido à falta de uma correta distribuição de recursos para o setor da saúde. Há déficit em relação à estrutura, funcionamento, segurança e qualidade”, disse, em nota.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 10 e 11